

Pré-texto a um escrito¹

SÉRGIO LAIA²

1 Este texto foi composto especialmente para a primeira aula sobre "Investigação e pesquisa em psicanálise", que compõe o programa de "Metodologia científica e orientação de monografias" do *Curso de Formação* promovido pelo *Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais* (IPSM-MG). Assim, ele não tem, rigorosamente, a estrutura de um artigo: são notas que visam orientar o processo de escrita sobre um determinado assunto. Em seguida à aula do IPSM-MG, este texto foi publicado, numa circulação mais localizada, em um boletim daquela instituição intitulada *Curirga*. Considerando a importância da produção de texto no âmbito da prática universitária e, em particular, na Pedagogia, retomei minhas notas iniciais e, modificando-as, dei-lhes a forma em que elas são aqui apresentadas.

2 Professor titular IV do Centro Universitário FU-MEC; psicanalista, membro da Associação Mundial de Psicanálise e da Escola Brasileira de Psicanálise; mestre em Filosofia e doutor em Letras, pela UFMG. Autor de *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*, publicado pela Autêntica-FCH/FU-MEC

I. A investigação

I.1. *Norteamto*: além de um tema, é decisivo localizar uma questão que orientará um escrito.

I.2. *Levantamento do material bibliográfico*: é importante estabelecer uma certa *orientação* para esse levantamento. Não há qualquer problema em escolher textos que defendam posições incompatíveis entre si ou mesmo quanto a pesquisa. O importante é saber disso e, mais ainda, deixar esse confronto claro na confecção do escrito.

I.3. *Fichamento*: deve ser norteadado pela questão que mobiliza o trabalho. Nesse sentido, é diferente de um resumo puro e simples: não se trata, pura e simplesmente, de sintetizar, da primeira à última palavra, os textos consultados. Trata-se do que eu costumava chamar de "resumo orientado", "leitura comentada":

- a) localização dos pontos e argumentos relativos – por ressonância ou oposição – à questão escolhida para ser investigada;
- b) síntese desses pontos e desses argumentos;
- c) escolha das citações que podem vir a aparecer literalmen-

te no texto final. O critério para essa escolha não é, necessariamente, “o mais belo” ou “tudo que é importante” no texto. Trata-se, sobretudo, daquilo que um autor escreveu e sobre o qual é difícil sermos tão geniais, tão claros ou mesmo, no caso de uma contraposição crítica, tão reducionistas na exposição de uma certa idéia relativa ao desdobramento da questão previamente escolhida.

I.4. Uma interessante prática que, a meu ver, pode até corporificar os primeiros passos na confecção do texto é o que eu chamo de “leitura comentada”. Minha referência é a prática, bastante efetiva no Campo Freudiano, da “disciplina do comentário”. No caso da “leitura comentada”, é fundamental se pautar nas citações previamente escolhidas e desdobrá-las, ou seja, evidenciar o que está em jogo nelas.

II. A confecção

II.1. Texto é tecido, ou seja: trama, urdidura, amarração. Daí, minha escolha pelo termo “confecção”. Não basta resumir uma série de idéias. Não basta listar argumentos. Tampouco – o que é ainda mais terrível – encadear citações uma após outra, sem qualquer mediação. Mesmo que tudo isso se articule ao tema que se pretende investigar, é imprescindível que essa articulação se evidencie como a forma mesma do texto, ou seja, que ela não permaneça apenas como uma suposição daquele que escreve. Em outros termos: a suposição de uma articulação de saber, tal como nos ensina a própria clínica psicanalítica, precisa se corporificar, se efetivar subjetivamente, para que ela possa ter incidências, para que um texto se estruture a partir de uma autoria. Nesse viés, não se deve perder a dimensão de que um escrito é *para ser transmitido*, mesmo quando, conforme preconizou Lacan, não é para ser lido. Assim, a *ilegibilidade* de um escrito, em psicanálise, não é para ser confundida com a *intransmissibilidade*: ele não é para ser lido na medida em que a

leitura não é um processo finito, uma operação que acabaria com o “ponto final” — ler é ir e voltar a um texto, descobrir-lhe outros caminhos não percebidos por ocasião de leituras anteriores, e a ilegibilidade, portanto, é uma conquista realizada, por um autor, ao longo de todo um exercício de escrita. Logo, a *intransmissibilidade* é “privilégio” do que é mal escrito, mal tramado, mal amarrado, mal tecido, mal urdido, mal exercitado escrituralmente.

II.2. Escrever é diferente de falar. Aquele que escreve deve, ao compor o próprio texto, estar advertido de que uma possibilidade de retorno se inscreva no ritmo do próprio escrito: deve-se, portanto, promover o “ponto de estofo”, zelar pelo “só-depois”, pela ressignificação de um texto a partir do seu final. Ora, é essa promoção, esse zelo, esse “estar advertido” que, a meu ver, nem sempre um falante se ocupa em sustentar. Afinal, na função da fala, sempre se pode contar, inclusive de um modo imediato, com alguém que pergunta e com alguém que pode ser convocado a dizer o que foi dito — a amarração, o retorno ao que se disse, pode se fazer ao longo da conversação. Por outro lado, na escrita, o leitor nem sempre contará, com relação a suas dúvidas relativas à articulação de um texto, com a presença daquele que escreveu. Essa presença do autor deve, então, se impor na trama mesma do texto. Por outro lado, tal imposição não garante o autor como autoridade máxima do que foi escrito: trata-se apenas de uma singular marca de que algo foi escrito, ou seja, foi composto, foi tramado e, portanto, assinado por Fulano, e não por Beltrano.

II.3. As *fontes bibliográficas* escolhidas para se compor um texto podem ser agrupadas tematicamente. Por exemplo: fontes que definem um determinado conceito; fontes que se contrapõem entre si ou que se contrapõem ao desdobramento da questão que vai ser investigada; fontes que esclarecem e/ou fundamentam a questão que mobiliza a investigação; fontes que apresentam pontos de vistas diferenciados (não necessariamente opostos).

II.4. A *introdução*: apresenta um panorama do que vai ser des-

dobrado ao longo do texto. É importante que o panorama des-
verte a atenção do leitor, mas que não apresente, de uma única
vez, tudo o que estará em jogo no texto. Trata-se de trabalhar
sem desprezar a dimensão do suspense. É algo da ordem do
que Lacan chamou de “um instante de ver” (Lacan, 1966, p. 197-
213) – o olhar do autor se destaca, o olhar do leitor é convoca-
do: “alguma coisa é vista”.

II.5. O *desenvolvimento* poderá se servir largamente do “resu-
mo orientado” e da “leitura comentada”. A diferença: o que an-
tes foi situado de um modo estanque deverá ser recomposto,
no ritmo de um fluxo orientado pela questão que norteia o texto.
É nesse fluxo que se corporifica a amarração textual em que a
marca de um autor se deixa imprimir. Trata-se de algo assimilável
ao lacaniano “tempo para compreender” (Lacan, 1966, p. 197-
213.) – o enigma (articulado como a própria questão do texto) é
formalizado e desdobrado, hipóteses são levantadas, conside-
rações são feitas, na tentativa de se esclarecer o que foi visto. A
dimensão do suspense não se esgota, nem se enfraquece. Ao
contrário, ela deve se corporificar como causa da investigação e
da leitura.

II.6. A *conclusão* é o resgate do que foi visto e tematizado,
mas de um modo conciso, formalizado. Podemos fazê-la equi-
valente ao que, em Lacan, foi nomeado como “momento de
concluir”. Trata-se de uma amarração dos três vieses que com-
põem um texto, ou seja, da introdução, do desenvolvimento e
da própria conclusão. A redução, o corte, aqui, é imprescindí-
vel. Afinal, também em um escrito, me parece decisiva a opera-
ção que Lacan destacou nos seguintes termos: “reduzir o mo-
mento de concluir o tempo para compreender para que ele dure
pouco quanto o instante do olhar” (Lacan, 1966, p. 197-213.).
A conclusão poderá, também, no caso de um escrito, apontar
para outras questões, outros temas, outros enigmas a serem
investigados em outros textos. É importante que ela não perca
de vista a dimensão do suspense, que, neste momento de um
escrito, poderá se manifestar sob a forma da surpresa: cinge-se
ao que foi visto, o objeto – o próprio texto – se destaca e cai, um

autor e seus leitores são liberados... para novas aventuras no mundo da escrita.

Referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

PRÉ-TEXTO A UM ESCRITO

A partir de dois itens – “investigação e confecção” –, pretende-se desenvolver as etapas necessárias à redação de um texto, visando orientar o trabalho daqueles que se dedicam a pesquisar e escrever sobre um determinado assunto.

Palavras-chave: redação, texto, pesquisa, metodologia, transmissão

PRE-TEXT TO A WRITING

Departing from two items – “investigation and making” –, we intend to cover the phases required for writing a text, with views to orientating the work of those who are dedicated to researching and writing about a given subject.

Key Words: writing, text, research, methodology, transmission

PRÉ-TEXTE POUR UNE ÉCRITURE

À partir de deux items – “recherche et confection” – on souhaite développer les étapes nécessaires à la rédaction d’un texte, et cela afin d’orienter le travail de tous ceux qui font des recherches et qui écrivent sur un sujet quelconque.

Mots-clés : Rédaction ; texte ; recherche ; méthodologie ; transmission.

Resumo

Abstract

Résumé